

A abordagem sociointeracionista na arquitetura do gênero 'projeto' no Terceiro Setor: desafios e perspectivas do linguista em campo

The interactionist approach in architecture of project in the Third Sector: Challenges and prospects of the field linguist

Janaina Behling*

RESUMO: Este artigo apresenta atividades de retextualização (MARCUSCHI, 2001) que configuram o *corpus* de um projeto arquitetado na cidade de São Paulo, entre uma líder comunitária, seus interlocutores e uma linguista aplicada. Os papéis identitários então constituídos enfocam lideranças urbanas e seus interlocutores como protagonistas que se apropriaram de sucessivos diálogos e escrituras de um mesmo projeto de ação local, enquanto refrataram (BAKHTIN, 1929) a linguagem de prestígio consagrada pelas esferas institucionais que constituem o Terceiro Setor e o fenômeno plurivocal da intersectorialidade em curso de significação.

PALAVRAS-CHAVE: retextualização; tecnologia de letramento; abordagem sociointeracionista; esferas intersectoriais; gêneros discursivos

ABSTRACT: This article aims at presenting retextualization practices of a project developed in the metropolitan area of Sao Paulo on three-partaking basis: a community leader, her interlocutors, originally distant from the prestige language cultivated in intersectoral spheres, and an applied linguist. The analysis of these practices, regarded as literacy technologies, focuses on the neglected plurilinguistic at the architecture of the community project discourse genre.

KEYWORDS: retextualization practices; literacy technologies, sociointeractional approach, intersectoral spheres, discourse genre.

* Possui graduação em Letras - Português e Latim (2002) pela Unesp de Assis e mestrado em Lingüística Aplicada pela Universidade de Campinas (2008). Idealizadora da agência Viva Letramentos. Email: janabehling@gmail.com

Introdução

Nossos discursos, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) são plenos de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade [...] Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 1952-53, P. 294-295).

Os estudos linguísticos, neste artigo, são entendidos como próprios de um campo de conhecimento engajado ou, como afirma Moita Lopes

capaz de apresentar a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro da atenção vidas marginalizadas, do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc (MOITA LOPES, 2006, P. 27).

Este artigo, produzido a partir de estudos aplicados da linguagem, dialogando com engajamentos na vida de projetos do Terceiro Setor, mais especificamente, os projetos de impacto social, é resultado de um trabalho de campo que envolve vidas marginalizadas em esferas intersetoriais ou, em outras palavras, de vidas que são objetos da ação política de governos, empresas e sociedade civil e dependem de projetos para obter alguma mudança em suas condições de existência comunitária.

Enquanto marginalizadas, portanto, são vidas que não participam diretamente da polifonia que envolve o Terceiro Setor, de modo que há um grau de alteridade, conforme Bakhtin, que se apresenta nulo ou apagado quando se deve materializar, na linguagem, o tom valorativo que reelabora ou reacentua, propriamente, o que sejam mudanças, quando são apropriadas, como são pensadas e o que devem consagrar, enquanto oferta de dignidade linguística para todos, o que representa, no mínimo, uma mudança de perspectiva e seus acréscimos na intersetorialidade.

O conceito de esferas intersetoriais ou interesferas, por um lado, são um tanto inóspitos ou pouco explorados em estudos linguísticos brasileiros e, nem por isso, menos atraentes, por permitirem encontrar certo marco zero institucional em meio a instituições da sociedade civil (des)organizada, tornando a contemplação de outras histórias de vida marginalizadas, na realidade, a possibilidade de fazermos, profissionais da linguagem, alguma diferença entre mudanças sociais e seus projetos.

Nas próximas sessões, serão apresentados os elementos dessa diferença de perspectiva do profissional da linguagem sobre a vida intersetorial, analisando como se enuncia o que parece estável, a começar pela perspectiva da ação civil como de 'negócios sociais', o que é dito a partir desta perspectiva e como é possível lançar novos olhares para o chamado Terceiro Setor.

Em seguida, são apresentadas algumas ideias sobre o termo 'justiça linguística', a fim de justificar a partir de quais pontos de vista básicos é necessário reposicionar ou realinhar a ação de projetistas numa abordagem sociointeracionista de produção de gêneros discursivos no Terceiro Setor.

Finalmente, são apresentados fragmentos de interações de campo materializadas na fala e na escrita de interlocutores, cujas vozes participaram na elaboração de um projeto em abordagem sociointeracionista, ou seja, escrito a partir de vozes, no caso, urbanas, relativamente distanciadas dos atores intersetoriais de mais prestígio.

Entre as considerações finais, há a ponderação de que os projetos intersetoriais, a partir de uma perspectiva sociointeracionista, exigem a emergência de novos sistemas de empoderamento de projetos civis, abrindo, assim, um manancial de frentes de trabalho para especialistas da linguagem na contemporaneidade como profissionais críticos e engajados, refrescando o diálogo sobre projetos de um modo geral.

1. Terceiro Setor e intersetorialidade

A reação ao globalismo político se faz pelas ONGs. Muitas organizações não governamentais são, por assim dizer, vanguarda de uma cidadania terrestre". "(...) As ONGs que defendem os direitos humanos, seja qual for a região do país, como o Greenpeace, defensoras da biosfera em todo o lugar (...) organizações como Survival International, defensoras dos **povos menores** ameaçados em todo lugar, não só na Amazônia, mas na Ásia e outras regiões, associações de mulheres, associações diversas, desempenham um papel extremamente útil. (MORIN, Programa Roda Viva, 2004)[†]

'Mercados de negócios sociais' pode ser um termo indigesto para linguistas ou especialistas dos estudos de letramentos ou dos estudos culturais em geral, mas é também um termo cada vez mais utilizado para designar a vida de culturas e sistemas econômicos globais e de impacto ao desenvolvimento de organizações civis; mercado este que cresce no mundo e também no Brasil, dado o volume de investimentos de empresas (segundo setor) e governos (primeiro setor) no apoio a iniciativas da sociedade civil, cujos projetos formam o chamado Terceiro Setor.

Para Edgar Morin, de acordo com a epígrafe, o Terceiro Setor e seus projetos significam a reação ao 'globalismo político, como vanguardas de uma cidadania terrestre'.

A reação ao globalismo político a que se refere Edgar Morin, quando de sua visita ao Brasil para falar à televisão, justamente, um veículo de comunicação global, chama atenção para a tomada de consciência de problemas universais porque envolvem, entre outros, os problemas relativos ao desenvolvimento humano em escala macrossocial ou em escala microssocial, constituindo temas, ao mesmo tempo, segmentados por pontos de vista bastante distintos.

Contudo, de acordo com diferentes especialistas e estudiosos do chamado Terceiro Setor (VOLTOLINI, 2003; SILVA, 2004; COELHO, 2005; GOLDSTEIN, 2007), muitas organizações civis são criadas, mas poucas chegam a garantir tempo de vida e sustentabilidade suficientes para prosperar. Esses especialistas, provenientes de

[†] Trecho da fala de Edgar Morin, transcrito a partir do Programa Roda Viva. TV Cultura. Exibido em 17/05/2004. Grifo meu.

áreas ou campos de conhecimento como publicidade, administração, direito, antropologia, relações internacionais, educação, psicologia, serviço social e até da odontologia e da tecnologia da informação, gostam de justificar esse quadro enfatizando

as tradições assistencialistas deixadas pelo colonialismo que confundem justiça social e igualdade de direitos, além de uma crise de identidade do setor, perdido entre o imprevisto daqueles que esbarram na necessidade de mais sistematização e senso de organização (VOLTOLINI, 2003, p.15)

Sem desqualificar tais pontos de vista, é possível oferecer outros olhares sobre a realidade, de fato, de escassez participativa de certas organizações civis e, acrescenta-se, por outro lado, de supervalorização ou ascensão de outras havendo, entre essas duas extremidades, uma estratosfera de ascensões e quedas não apenas institucionais, mas subjetivas, intersubjetivas, multissubjetivas e multiculturais complexas demais para serem reduzidas às tradições colonialistas e confusão administrativa.

Nesse caso, entre escassez e abundância participativa, a própria multiplicidade de vozes técnicas ou de prestígio, superiores, representantes de diferentes campos de conhecimento, indicam que o Terceiro Setor está em crescimento e não *em crise*, porque apenas se perpetua sem que apresente onde estão as vozes, os atos de fala, os sistemas de significação e autossignificação dos atores civis que não pertencem às culturas superiores de interpretação de sua própria realidade como agentes de transformação, mas como beneficiados (herança filantrópica) de dívidas macrossociais (colonialismo) materializadas por especialistas ou porta vozes e escribas de projetos.

Torna-se necessário, portanto, provocar algum deslocamento nos próprios sistemas intersetoriais de interpretação da própria sociedade civil, não de base administrativa, e sim ética, já que a ascensão dos especialistas em projetos esbarra na emergência de reposicionar um melhor entendimento sobre justiça social e igualdade de direitos dentro do próprio Terceiro Setor, principalmente, do ponto de vista linguístico.

Nesse caso, entende-se que é a partir do olhar pautado no movimento linguístico do Terceiro Setor, de **perspectiva sociointeracionista** como processo investigativo e não simplesmente de reprodução de discursos fundadores que, provavelmente, torna-se possível criar condições para compreender os processos de construção de significados sobre projetos contextualizados, no caso, urbanos, sugerindo *metamudanças* de sistemas intersetoriais capazes de reverter o quadro de escassez participativa de algumas instituições para a abundância de ações civis revisitadas.

2. Justiça linguística: retextualização como tecnologia de letramento

Quando é colocada em questão a necessidade de compreendermos ações intersetoriais de modo sociointeracionista, está sendo enfatizado um entendimento da língua(gem) intersetorial transitável entre primeiro, segundo e terceiro setor em que

“A perspectiva interacional preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre situados em contextos sócio-historicamente, marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais. Não toma as categorias linguísticas como dadas a priori, mas como construídas interativamente e sensíveis aos fatos culturais”. (MARCUSCHI, 2001, p. 34)

A partir do ponto de vista sociointeracionista sobre a construção de projetos globais, o que se quer sublinhar é que as necessidades humanas não podem ser pensadas a partir de uma visão dicotômica de linguagem, ou uma visão simplesmente culturalista, ou, tampouco, variacionista, mesmo que cada uma dessas perspectivas não escape à construção de impactos da própria variação do olhar que transita pelo mundo intersetorial em sua natureza.

Vale destacar, por exemplo, que a dicotomização pura e simples, diferenciadora do falar e do escrever é apresentada por Marcuschi (2001, p. 27) como a primeira tendência que restringe a análise da materialidade da linguagem ao

código linguístico, de imanência cognitiva. Assim, ao analisarmos gêneros discursivos ou textuais como os *projetos intersetoriais*, por exemplo, é vetada a possibilidade de os compreendermos apenas como manifestação gramatical codificada, normativa.

Evidentemente, não se pretende defender, como muito se apresenta entre as celeumas de puristas da língua, que não devemos ter domínio sobre a língua normativa, padrão, na configuração de projetos intersetoriais.

O que se quer sublinhar é que uma certa dicotomia, talvez, entre imanência e cognição, prescreve a norma padrão ou culta e a não culta, em que 'não há preocupação alguma com os usos discursivos nem com a produção textual' (*ibidem*, p.28) da fala ou da escrita, preconizando, sobretudo, uma certa rigidez na distribuição de poderes linguísticos.

Assim, quando analisamos como se processa uma visão culturalista do empoderamento de projetos intersetoriais

"Não há como negar que a escrita trouxe imensas vantagens e consideráveis avanços para as sociedades que a adotaram, mas é forçoso admitir que ela não possui algum valor intrínseco absoluto. Trata-se, sobretudo, do lugar especial que as sociedades ditas letradas reservaram a essa forma de expressão que a tornou tão relevante e quase imprescindível na vida contemporânea". (MARCUSCHI, 2001, p. 30)

Sendo assim, uma visão culturalista da escrita, enquanto etnocêntrica, é supervalorizada e sempre tratada de modo global. Enquanto etnocêntrica, por outro lado, a escrita sofre controles, independente do grau de escolarização de quem a controla, principalmente quando está em questão planejar e instituir uma vida entre projetos intersetoriais da-para-com a sociedade civil.

E qualquer profissional da linguagem que transite pela vida intersetorial deve estar atento ou atenta ao etnocentrismo da linguagem escrita, que limita intercâmbios identitários entre interlocutores intersetoriais, capazes de designar os mais distanciados das linguagens especializadas como *menores*, se levarmos em conta, por exemplo, as perspectivas fundacionistas de Edgar Morin, já citadas.

Nesse caso, é preciso que seja desenvolvido em esferas intersetoriais um método de materialização dos projetos em que a fala, a escrita, as linguagens todas,

se nos apresentem a partir de olhares inusitados, podendo apresentar-se até com caracteres extralinguísticos, portanto, ligados a uma produção personalizada, sem que seja a escrita neutralizada e sem que seja perdida a origem do texto.

Esse método é denominado por Marcuschi como *retextualização*, que visa compreender uma determinada realidade social evitando o etnocentrismo, já que retextualizar pressupõe a análise linguística de projetos e sua essência polifônica em deslocamento, em transformação, em trânsito intersetorial.

A retextualização não se limita, evidentemente, a transcodificar ou adaptar passagens do sonoro para o gráfico dos projetos, e nem mesmo deixar as urbanidades 'polidas', e pode ser vista como uma **tecnologia de letramento** que torna possível interferir tanto na forma quanto na substância do discurso dos projetos intersetoriais, de modo que "uma transcodificação não pode equivaler a uma paráfrase ou a uma tradução como se fosse uma equivalência semântica" (Rey-Debove *apud* Marcuschi, p. 52).

Sendo assim, do ponto de vista ideológico, em contextos intersetoriais, é possível inferir que o linguista cultiva certa ideia de 'justiças linguísticas' ou certa ideia de desmantelamento da manutenção, ainda que provisória, dos cânones de oralidade e escritura intersetorial 'fundacionistas'[‡], para usar uma expressão de Chauí (2000).

Portanto, para a vida intersetorial é oferecida a ideia de que existem múltiplos letramentos (STREET, 1984) em jogo para se arquitetar projetos, junto a identidades intersetoriais diversas. Entre esses letramentos estão em constante formação e transformação ideologias e novas identidades culturais (GOODY, 1986; HAVELOCK, 1982; ONG, 1982), bem como a construção da leitura e da escritura de projetos como práticas sociais (SCRIBNER, 1981), emancipativas (RANCIÈRE, 2002) e promotoras de uma visão crítica de mundo e de protagonismos dentro de esferas e contextos, inclusive, (não) escolares (GEE, 2000) ou não canônicos.

Retextualizar projetos em esferas intersetoriais é despertar autorias que não se sabem dormidas diante de justiças linguísticas.

[‡] CHAUI, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

3. Reconstituo projetos numa perspectiva sociointeracionista

Os Fragmentos (1) e (2) correspondem à construção de um projeto intersetorial que acabou levando o nome de *Feliz Idade*, o mesmo título de iniciativas voltadas para a chamada Terceira Idade entre clubes, agremiações e literatura científica⁵. Esse título fora escolhido, sem discussão coletiva, pela liderança comunitária (D) que interagiu com a linguista aplicada (LA) em São Paulo, no bairro Jardim Colombo.

Conforme é possível observar no Fragmento (1) e (2), o projeto tangenciava alguma melhora na qualidade de vida de pessoas de uma determinada comunidade urbana. Essa comunidade, no caso, era apenas o grupo de pessoas que se reuniu em torno de um projeto dentro do Jardim Colombo sobre idosos. Essa informação é para alertar o leitor de que seria preciso mais espaço, para além desse artigo, para desenvolver o que se entende por comunidade intersetorial, um tema exaustivo.

O mais importante, neste momento, é destacar como a importância de atividades de escrita em imersões de campo são fundamentais para unir as pessoas em volta de diálogos propositivos, quando projetos são propositivos; responsivos, quando dialogam com a realidade comunitária que se apresenta; e responsáveis, quando escreveres encorajam as pessoas a olharem para si e para o mundo a fim de transformar a ambos, em direção a uma existência cada vez mais digna.

Os fragmentos seguem as normatizações de Marcuschi (2003) e apresentam turnos de fala curtos, de perguntas e respostas, que também acomodam ordem e execução direta e indireta de valores que definem identidades idosas, talvez, entre aceitação e recusa dessa identidade, como se poderá ver a seguir:

Fragmento (1) – construção de um projeto urbano a partir da oralidade

⁵ Cf. <http://www.hebraica.org.br/portal/index.php/category/felizidade>, <http://www.felizidade.conchal.sp.gov.br/site/> e VICTOR, J.F. et al. Grupo Feliz Idade. Cuidado de enfermagem para a promoção da saúde na Terceira Idade. ReeUsp, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n4/25.pdf>. Acesso em 05/01/2012.

LA: *e (+) quando cê (++) pe::nsa em fazê (+) um projeto assim []o que que cê:: pensa/ de fazê um*

projeto escri::to [...]?

D: *((posiciona-se melhor na cadeira)) Primêro (+) uma oficina de IDOSOS que a gente temmui::to idosos lá.*

Pelo Fragmento 1 é possível notar uma espécie de cerne ou origem do que vai ser o encontro entre LA e D, bastante focado no que pode haver entre pensar e escrever projeto (*e quando cê pensa em fazê um projeto assim escrito*).

A ênfase em *idosos* inicia a articulação de D em direção a posicionar-se para definir uma população alvo, no caso, de modo que seu primeiro impulso, então, é identificar sujeitos ou subjetividades emergentes.

Ao realizar as pesquisas de campo, o pedaço de fala destacado diz respeito, justamente, à palavra 'projeto', a partir do Entrevistado 1:

D (assumindo entrevistas de campo entre 'idosos'): **I...I** *e::: se tivesse um proje::to pro idôso na comunidade?I...I*

Entrevistado 1: *I...I ((recostado no balcão, tira o chapéu)) (++) eu nu::m tenhu tamanhu (++) pra trabaiá mais::/ agora si vim eu pego.((sorrindo)). I...I*

O Entrevistado 1, boa referência de pessoa de idade avançada, usando chapéu nas fotos de campo, associa a ideia de *projeto* a *trabalho* e relaciona sua idade ao seu tamanho no mundo, na comunidade, no tempo de si no mundo, no caso, de projetos. Esse Entrevistado 1 se põe disponível para o trabalho (projeto), em outras palavras, uma identidade disposta a algo, diferente do que muitas agremiações sobre idosos, ou até mesmo, a própria D, poderia imaginar.

A Entrevistada 2 se coloca a pensar, conforme a seguir, sobre *qual idoso* está em jogo na conversação que acolha sua condição física e mental sadia, uma que exige postos de saúde no local, e, também, que acolha uma disposição para a alegria, para o movimento ou algum tipo de felicidade:

D: *I...I O que a senhora Acha (++) que deveri:a tê pro ido::so aqui na cOmunidade?*

Entrevistada 2: *((mão na cintura)) I...I um posto de saúde mais pertio né ((mão na cabeça)) / e um negócio assi::m pra (++) rente si I...I diverti: ((mexendo o corpo, dançando))*

Já a Entrevistada 3 define, também reflexiva, um jeito de ser idoso, qual seja, aquele que responde prontamente, em corte seco, o que não quer para si:

D: *I...IE a senhora (+) gosta de costurAI...I?*

Entrevistada 3: *I...I nã::o I...I.*

A Entrevistada 4 reflete sobre a ação de projetar e projeta, assim como os demais, o seu dizer no processo de construção do projeto, talvez, oferecendo uma ideia:

Entrevistada 4: *I...I num tem (++) nada (++) às vezes uma escola de da::nça ...Inada.*

Fragmento (2) – construção do mesmo projeto a partir da escrita

A temática central é a discriminação de idosos **nas ações de fomento comunitárias**, principalmente **as dirigida nas população** de baixa renda (sic).

De acordo com o Fragmento (1) é possível perceber que a ideia de projeto, enquanto espaço linguístico, se materializou quando D disse, com suas próprias palavras, o que imaginava como projeto, focado, no caso, na contingência que caracterizava sua vizinhança como *idosa* (“a gente tem muito idosos lá”).

Contudo, D é orientada a ir a campo, provavelmente, porque a materialidade do projeto e de seus interessados diretos poderia não passar de uma simples *opinião* de D (discurso fundador).

Essa orientação, no caso, em que estive mediando a escrita do *Feliz Idade* a partir de uma abordagem sociointeracionista, preconizando a importância do diálogo na transposição da fala para a escrita de um projeto comunitário, um diálogo capaz de colocar em xeque a própria ideia subjetiva de ‘idoso e idosa’, constitui o que linguistas podem oferecer aos mercados intersetoriais em termos de mudança social e abundância participativa, porque não está em questão legitimar poderes etnocêntricos do escrever, mas sim, provocar a diáspora de seu teor efêmero (e arcar com as consequências, como as mudanças de valores, de papéis setoriais, de expectativas linguísticas).

De acordo com o Fragmento (1) não se deve perder de vista, então, que havia uma distância nada simbólica entre o que D pensava sobre os idosos (visão cognitiva) da comunidade (visão culturalista) e o que realmente eram capazes, ‘os idosos’ de ser, fazer, projetar, mudar (visão sociointeracionista).

Logo na primeira interlocução de D com pessoas de mais idade na vida urbana da periferia, entende-se que o primeiro interlocutor de D sequer imaginava o que seria um *projeto para idosos*, (*eu num tenho tamanho pra trabaíá mais*).

Nessa primeira interlocução é possível inferir sobre a construção de identidades urbanas, curiosamente, ora distanciadas dos sistemas de arquitetura de

projetos de mais prestígio, (por não serem alfabetizados os entrevistados, um mero detalhe) ora aproximadas da vida entre projetos pela relação epistemologicamente truncada entre projeto e trabalho.

Na segunda interlocução o Entrevistado 2 não se esquece de discursar o zelo pela saúde (*um posto de saúde mais pertio né*) reforçando, talvez, os discursos de programas de saúde assistenciais, mas, sem perder de vista a possibilidade de reforçar outros olhares sobre si que preconizam entretenimento (*“e um negócio assim pra rente si diverti”*) ou a saída da condição de *idoso* no sentido autorizado por D que sociointerage com idosos de outro lugar discursivo, o lugar do guardador, do cuidador.

A terceira e última interlocução de D parece mostrar, definitivamente, que sua ideia de *idoso* pode ser vista como realmente distante daquela empenhada pelos moradores de idade mais avançada do bairro urbano. Provavelmente, mais à vontade em sua condição de investigadora, D resolveu perguntar a uma mulher se ela gostava de costurar, imaginando, talvez, o discurso fundador de que ‘costurar é coisa para idosas’. A resposta da interlocutora foi curta e pontual (*não*).

Já no segundo fragmento, quando interações entre LA e D serviram para processar as informações de campo e resolver como apresenta-las a determinado edital de fomento, que, por sua vez, exigia uma demanda discursiva não dada por LA, nem pelos interlocutores e nem pela própria projetista, qual seja, a *temática central do projeto*, houve um deslocamento de papéis discursivos estabelecidos inicialmente (moradores, D e LA) ou, mais propriamente, uma hibridação, uma transferência, uma mistura, uma confluência entre a norma padrão da língua (A *temática central é a discriminação de idosos nas ações de fomento comunitárias*) e a não padrão (*principalmente as dirigida nas população de baixa renda*) um fenômeno típico, presume-se, de retextualização de projetos numa abordagem sociointeracionista.

O problema é como apresentar esse fenômeno às esferas institucionais que legitimam projetos ao financiá-los de modo que compartilhem dos deslocamentos discursivos para além de sua materialidade normativa ou de coesão normativa.

O que as esferas institucionais não poderão perder de vista, por exemplo, é que D assumiu um novo papel na arquitetura do projeto urbano: a de projetista parceira que, por sua vez, esteve mais próxima da atividade de articular, com mais propriedade, a linguagem que deve dar conta de como dizer sobre/para/com os moradores do bairro, quais os impactos de um projeto sistêmico que ela, por sua vez, também estava aprendendo a partilhar, rever, indagar e escrever como interlocutora, e não simplesmente escriba alheia ao convívio em campo, como é comum acontecer em intervenções a partir de modos institucionalizados de ver**.

Nessa nova arquitetura, a situação de LA é que se apresentou, talvez, um tanto tensiva, no caso, entre os padrões de normatividade da língua e a preservação da autenticidade coletada em campo, porque LA aparecia indiretamente, no Fragmento (2), quando da articulação verbal e nominal padronizada ou normativa na apresentação da temática central do projeto (*nas ações de fomento comunitárias*).

A ação padronizadora, no caso, é ao mesmo tempo coercitiva e agentiva. Enquanto coercitiva, a aproximação à norma padrão da língua no projeto apaga os sinais de campo, a realidade linguística de corpos e mentes capazes de pensar com autonomia e senso de criticidade. Enquanto agentiva, por outro lado, a preservação da realidade linguística de corpos e mentes urbanas exige que novos modelos de empoderamento de projetos sejam criados na intersetorialidade.

Finalmente, a posição do linguista como mediador de retextualizações envolve questionamentos éticos, no caso, sobre o que parece relevante para qualquer projetista intersetorial, ou seja, a possibilidade de garantir incentivo, apoio, financiamento. Essa é uma realidade do Terceiro Setor como um todo, de modo

** Na arquitetura de projetos sociais é comum que consultores de diferentes áreas de conhecimento, às vezes especializados, implantem e implementem projetos prontos às comunidades, algo que deve corresponder de imediato à imagem de seus financiadores. O filme *Quanto Vale ou É por Quilo*, de Sergio Bianchi (2001), retrata bem essa realidade, associando-a a uma espécie de continuidade da colonização no Brasil.

global, e a consequência disso é que a temática central do projeto, no final, acabou sendo a discriminação acerca de ações de fomento e não acerca do envelhecer abandonado da cidade.

Considerações Finais

Os projetos intersetoriais, a partir de uma perspectiva sociointeracionista, exigem a emergência de novos sistemas de empoderamento, leitura e senso de alteridade entre ações civis, principalmente, que facilitem a apresentação daqueles que deverão se tornar, enquanto críticos de sua própria condição humana, entre atividades de retextualização de projetos, aqueles que podem rever e rejeitar o discurso fundador e a ética que movimentam o Terceiro Setor (ou a intersetorialidade) em suas mais diferentes facetas institucionais, facetas que transitam entre necessidades e estratégias de pessoas mais e menos letradas, diante dos parâmetros de prestígio, mas que em condição sociointeracionista são guardiãs de leituras e escrituras de mundo que merecem reconsideração constante, para além de uma postura colonizadora e estanque de mudança social.

Assim, enquanto constituído por diferentes esferas da sociedade, a intersetorialidade merece atenção linguística que proponha novos contornos de seus acontecimentos discursivos, a partir da arquitetura em campo do gênero projeto, oferecendo consultorias para dialogar ou mediar diálogos com agentes e negociadores de mercados sociais da forma mais abundante possível, podendo abrir, tomara, um manancial de possibilidades profissionais para os estudos linguísticos futuramente.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-53). In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1999.

BEHLING, Janaina. *Construindo a identidade do gerente de letramentos*. 2011. (mimeo)

BEHLING, Janaina ; Siqueira, Regina; Ramos, Viviane ; CHU, L. . A Educação pela pedra : alguns olhares sobre a arte e a educação no letramento de jovens e adultos. *Educação. Teoria e Prática* (Rio Claro) v. 19, p. 87-99, 2009.

BEHLING, Janaina . A formação universitária do pesquisador brasileiro: inovações e contradições. In: VIII BRASA - Brazilian Studies Association, 2006, Tennessee. VIII BRASA - Brazilian Studies Association. Nashville : Nashville. v. 3.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COLEHO, Simone C.T. *Terceiro setor*. Um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos. São Paulo: Senac, 2005.

GEE, Jonh.P. New people in new worlds. Networks, the capitalism and school. In: Cope, B. & Kalantzis, M. (org.). *Multiliteracies. literacy learning and the design of social futures*. London. Routledge. 2000.

GOLDSTEIN, Ilana. *Responsabilidade social*. Das grandes corporações ao terceiro setor. São Paulo: Ática, 2007.

GOODY. Jack. *The domestication of the savage mind*. Cambridge: Cambridge University, 1977.

KLEIMAN, Ângela B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A.B.; SIGNORINI, I. (org.) *O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2000. P. 223- 243.

MARCUSCHI, Luiz. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOITA LOPES, L.P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: investigando o campo como linguista aplicado. In: *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. MOITA LOPES, L.P. (org.). São Paulo: Parábola, 2006. P. 13- 42.

PONZIO, Augusto.; CALEFATO, Patricia. PETRILLI, Susan. *Fundamentos de filosofia da linguagem*. São Paulo: Vozes, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROJO,R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. MOITA LOPES, L.P. (org.). São Paulo: Parábola, 2006. P. 253-277.

SCRIBNER, S. & COLE, M. *The psychology of literacy*. Cambridge: Harvard University, 1981. 212 p.

SILVA, Ana .L.P. *Utilizando o planejamento como ferramenta de aprendizagem*. São Paulo: Global, 2003.

SIGNORINI, Inês (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2001

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STREET, Brian. *Literacy in theory an practice*. Cambrigde: Cambridge University Press, 1989.

VOLTOLINI, Ricardo (org.) *Terceiro setor: planejamento e gestão*. São Paulo: Senac, 2003.

